



ANAIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA A INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho de 2012
Curitiba - Brasil



ANAIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA A INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

Eixos Temáticos:

1. INTEGRAÇÃO DAS SOCIEDADES NA AMÉRICA LATINA
2. EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO LATINO-AMERICANO:
SUAS MÚLTIPLAS FACES
3. PARTICIPAÇÃO: DIREITOS HUMANOS, POLÍTICA E CIDADANIA
4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA
5. MEIO-AMBIENTE: QUALIDADE, CONDIÇÕES E SITUAÇÕES DE VIDA
6. CIÊNCIA E TECNOLOGIA: PRODUÇÃO, DIFUSÃO E APROPRIAÇÃO
7. POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL
8. MIGRAÇÕES NO CONTEXTO ATUAL: DA AUSÊNCIA DE POLÍTICAS
ÀS REAIS NECESSIDADES DOS MIGRANTES
9. MÍDIA, NOVAS TECNOLOGIAS E COMUNICAÇÃO

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho 2012
Curitiba - Brasil

ANAIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

Eixo 4

“CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA”

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho de 2012
Curitiba - Brasil

4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA

MR4.1. Sociedade e Cultura de Fronteira

EMENTA

Esta mesa propõe-se a discutir fronteiras no Prata, contemplando diferentes temporalidades e espacialidades com enfoques voltados aos guaranis, às missões jesuíticas, aos migrantes dos séculos XIX e XX e às ideologias nacionalistas e de integração. Poderão ser trazidos ao debate estudos e reflexões que apontam para relações sociais transfronteiras, para vivências à margem das intencionalidades oficiais e de discursos hegemônicos. A composição da mesa proposta atentou para a inserção interinstitucional, para a interdisciplinaridade e vínculos com programas de pós-graduação que trabalham com fronteiras.

Coordenador: Valdir Gregory – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE - BRASIL)
Carmen Curbelo: Universidad de la Republica Uruguay - (UDELAR - URUGUAY)
Ernelo Schallenger – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE – BRASIL)
Jones Dari Goeter: Universidade Federal da Grande Dourados - (UFGD - BRASIL)
Ricardo Carlos Abinzano: Universidad Autónoma de Misiones – (ARGENTINA)

RESUMOS APROVADOS

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL LATINO-AMERICANO: O TRADICIONALISMO E A IDENTIDADE GAÚCHA (autor(es/as): Ana Carolina Rios Gomes)

O RAP ENTRE FRONTEIRAS: PRÁTICAS ESTÉTICO-MUSICAIS LATINO AMERICANAS (autor(es/as): Angela Maria de Souza)
REMANESCENTES DAS REDUÇÕES JESUÍTICAS DE NOSSA SENHORA LORETO E SANTO INÁCIO MINI NA PROVÍNCIA DO GUAIRÁ-1608-1639 (autor(es/as): BERENICE SCHELBAUER DO PRADO)

O CIRCUITO ROCKEIRO NA TRÍPLICE FRONTEIRA (autor(es/as): Franciele Cristina Neves)

A SOCIEDADE DE CONSUMO: ANÁLISES NA FRONTEIRA ENTRE BRASIL E PARAGUAI (autor(es/as): Luana Caroline Künast Polon)

Cortando a cerca: uma escola do campo frente a multiculturalidade contemporânea (autor(es/as): Lydia Maria Assis Brasil Valentini)

Movimento Hip-Hop como manifestação cultural: Uma análise do léxico de letras de rap em Foz do Iguaçu. (autor(es/as): RONALDO SILVA)

INTEGRALIZAÇÃO LATINOAMERICANA: AFIRMAÇÃO CULTURAL OU JOGADA IMPERALISTA? (autor(es/as): Victor Alves Pereira)

Sankofá- Abaeté: Construindo diretrizes, resgatando nossas raízes (autor(es/as): Vilisa Rudenco Gomes)

SAÚDE SEM FRONTEIRAS - REDE BINACIONAL DE SAÚDE NA FRONTEIRA BRASIL-URUGUAI (autor(es/as): Daniela da Rosa Curcio et alii.)

MR4.2. Apropriação, Usos do Território e Práticas Sociais Diferenciadas

EMENTA

Os trabalhos da presente mesa circunscrevem-se às pesquisas que vêm sendo desenvolvidas pelos participantes, que têm como referência diferentes sujeitos (quebradeiras de coco babaçu, quilombolas, ribeirinhos e trabalhadores rurais dentre outros) e práticas sociais, em distintos contextos. Os trabalhos explicitam diversos aspectos da problemática relativa à organização, apropriação e uso do território. O fio condutor das reflexões está referido às diferentes formas e estratégias utilizadas por esses sujeitos face às definições e redefinições recentes do território.

Coordenador: Joaquim Shiraishi Neto: Universidade estadual do Amazonas - (UEA - BRASIL)
Luís Fernando Cardoso e Cardoso: Universidade Federal do Pará - (UFPA - BRASIL)
Rosirene Martins Lima: Universidade estadual do Maranhão - (UEMA - BRASIL)
Ana Paulina Aguiar Soares: Universidade estadual do Amazonas – (UEA - BRASIL)

MEMÓRIAS DA GUERRA DO CONTESTADO- A CULTURA POPULAR ATRAVÉS DA RELIGIOSIDADE NO MONGE JOÃO MARIA DE JESUS EM MARILÂNDIADO SUL. (autor(es/as): Bruno Augusto Florentino)

DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E SUA INTERFACE NOS ASSENTAMENTOS RURAIS DO MUNICÍPIO DE ROSANA-SP (autor(es/as): CLEDIANE NASCIMENTO SANTOS)

REFLEXÕES ENTRE A MANUTENÇÃO DAS IDENTIFICAÇÕES RURAIS E A INFLUÊNCIA DAS MODERNIDADES NA VILA DO DISTRITO DE GUARAGI - PONTA GROSSA (PR) (autor(es/as): FABELIS MANFRON PRETTO)

ÍNDIOS, TAPUIOS E “CABOCOS”. CULTURAS E IDENTIDADES MARGINAIS NA MANAUS DE ONTEM E HOJE. (autor(es/as): PAULO MARREIRO DOS SANTOS JÚNIOR)

TOPOFILIA & TOPOFOBIA – TOPOCIDIO & TOPO-REABILITAÇÃO: A MERCANTILIZAÇÃO DA CULTURA EXPRESSA NO PATRIMÔNIO HISTÓRICO ARQUITETÔNICO E URBANÍSTICO DE DIAMANTINA-MG (autor(es/as): RAHYAN DE CARVALHO ALVES)

ARELAÇÃO SER HUMANO/NATUREZA – REFLEXÕES A PARTIR DE UM ESTUDO DE CASO. (autor(es/as): ROSANA BARROSO MIRANDA).

MR4.3. Territórios, Memórias e Identidades latino-americanas

As ciências humanas e em especial as sociais desenvolveram no século XX teorias e metodologias para compreender e explicar como se elaboraram concepções de territórios, memórias e identidades, sobretudo na produção intelectual latino-americana. Atualmente, os estudos de caráter socioambiental contribuem sobremaneira com esses avanços, especialmente se forem considerados os aportes da antropologia, da geografia cultural, da história, da psicologia social e da sociologia. Além de localizar esses avanços, é fundamental trazer para o debate os resultados das pesquisas realizadas com esses múltiplos enfoques entre as dimensões da natureza e da sociedade

Coordenação: Salete Kozel – Universidade Federal do Paraná - (UFPR – BRASIL)
Maria Geralda de Almeida: Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade de Goiás - (IESA/UFG – BRASIL)
Álvaro Luiz Heidrich: Universidade Federal do Rio Grande do Sul – (UFRGS – BRASIL)
Sandra Valeska Fernandez Castillo: Universidad de Concepción - (CHILE)
Alicia M. Lindon Villoria: Universidad Autónoma Metropolitana - (UAM – MÉXICO)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil

4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA

“OUTROS” IMAGINADOS: AS REPRESENTAÇÕES DOS CIDADÃOS LATINO-AMERICANOS SOBRE AS CIDADES PRÓXIMAS E DISTANTES (autor(es/as): **Carla Beatriz Santos Menegaz**)

100 Anos de História: Alguns Elementos Formadores da Identidade Cultural do Território do Contestado (autor(es/as): **FLAVIA ALBERTINA PACHECO LEDUR**)

Guimarães Rosa no labirinto chamado América Latina (autor(es/as): **iolanda cristina dos santos**)

Los lugares de Memoria como lugares de Aprendizaje, tres estudios de caso: Santiago de Chile y Medellín-Colombia” (autor(es/as): **Karen Andrea Vásquez Puerta**)

A FESTA KALUNGA DE NOSSA SENHORA DE APARECIDA: IDENTIDADE TERRITORIAL E REAPROXIMAÇÃO ÉTNICA (autor(es/as): **Luana Nunes Martins de Lima**)

REPRESENTAÇÕES ESPACIAIS E SIMBÓLICAS: AS IDENTIDADES DAS FESTAS DO BOI-A-SERRA NO CENTRO-OESTE BRASILEIRO (autor(es/as): **Maisa França Teixeira**)

A construção do Patrimônio Cultural a partir do imaginário da população de Marechal Cândido Rondon - PR: um estudo sobre o lugar de memória Casa Gasa (autor(es/as): **Paulo Henrique Heitor Polon**)

A INFLUÊNCIA DO TURISMO NA VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL: O CASO DE SÃO LUÍS DO MARANHÃO (autor(es/as): **Saulo Ribeiro dos Santos**)

IDENTIDADE E FÉ NOS ASSENTAMENTOS RURAIS DE SERGIPE (autor(es/as): **Solimar Guindo Messi as Bonjardim**)

MR4.4. Espaço, gênero e sexualidades na América Latina

EMENTA

A mesa redonda tem como objetivo realizar uma reflexão sobre as relações de gênero que envolvem o processo de organização social, econômica e cultural dos territórios da América Latina, evidenciando as hierarquias e desigualdades baseadas nos papéis sociais insituídos para homens e mulheres.

Coordenadora: Joseli Maria Silva - Universidade Estadual de Ponta Grossa – (UEPG - BRASIL)

Marlene Tamanini: Universidade Federal do Paraná – (UFPR - BRASIL)

Diana Lan: Universidad Nacional del Centro – (UNC - ARGENTINA)

Maria das Graças Silva Nascimento Silva: Universidade Federal de Rondônia – (UFR – BRASIL)

RESUMOS APROVADOS

A MARCHA MUNDIAL DAS MULHERES E A CULTURA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS CONTEMPORÂNEOS (autor(es/as): **ALEXANDRA PINGRET**)

PELOTÓN MARIANA GRAJALES: O OLHAR DA REVISTA MUJERES NO ANO DE 1971 (autor(es/as): **Andréa Mazurok Schactae**)

NA ARGENTINA TANGOS, NO BRASIL TRAGÉDIAS! LÁ MATRIMONIO IGUALITÁRIO, AQUI UNIÃO CIVIL (autor(es/as): **CHRISTOPHER SMITH BIGNARDI NEVES**)

ECONOMIA SOLIDÁRIA, RELAÇÕES DE GÊNERO E COLETADORES DE MATERIAL RECICLÁVEL: LIMITES E AVANÇOS (autor(es/as): **Edinara Terezinha de Andrade**)

As mulheres do tráfico e a violência de gênero (autor(es/as): **Fernanda Pereira Luz**)

ARTICULAÇÕES EM REDE NA AMÉRICA LATINA: O CASO DE CDDLA E “CATÓLICAS PELO DIREITO DE DECIDIR” NO BRASIL (autor(es/as): **Francine Magalhães Brites**)

OS SUJEITOS NA MARGEM DA CULTURA - CONFLITOS NOS ESPAÇOS EDUCACIONAIS LATINO AMERICANOS (autor(es/as): **Gustavo Luiz Ferreira Santos**)

Habilidades Sociais e Sexualidade: A construção Identitária na Adolescência (autor(es/as): **Priscilla de Castro Campos Leitner**)

AS UNIÕES HOMOAFETIVAS CONFORME O BLOCO DE CONSTITUCIONALIDADE E UMA PROTEÇÃO NORMATIVA GLOBAL: GARANTINDO DIREITOS HUMANOS (autor(es/as): **Rafael da Silva Santiago**)

POLÍTICAS PÚBLICAS DE INCLUSÃO E PERMANÊNCIA DE LGBT NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO ESTADO DO PARANÁ: UMA REFLEXÃO SOBRE SUAS APLICABILIDADES NO CONTEXTO DA EJA E PROEJA (autor(es/as): **Reinaldo Kovalski de Araujo**)

O MEDO NA CONSTRUÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ADOLESCENTES DO SEXO MASCULINO DA PERIFERIA DE DIFERENTES ÁREAS URBANAS DE PONTA GROSSA, PR (autor(es/as): **RENATO PEREIRA**)

MR4.5. Sociedades Tradicionais: imagens, tempo, espaço e saberes sobre a natureza

EMENTA

Em sua interação com a natureza, com distintas conformações, as chamadas “sociedades tradicionais” ou as sociedades originárias, constroem, historicamente, em seu universo mental, imaginário e práticas ecoprodutivas, uma cultura própria que envolve o conhecimento e respeito aos ciclos e movimentos naturais, atribuindo significado à sua vida material e imaterial – aos espaços ou territórios de que fazem parte. Isso envolve ritmos de tempo diferenciados dos ritmos caracteristicamente produtivistas que regem as sociedades urbano-industriais, os quais se pautam, fundamentalmente, numa temporalidade cronometrada e aritmetizada – no tempo da fábrica. Contrapor essas diferentes culturas, em sua lógica própria, focalizando, particularmente, as imagens, ritmos temporais, territorialidades e saberes patrimoniais das “sociedades tradicionais” e/ou originárias, significa pensarmos numa política de futuro na qual se inscreva o grande legado que tais sociedades detêm no trato com a natureza, com base em sua cosmovisão, práticas e expressões culturais próprias, para a construção de novas formas societárias, numa síntese histórica, de futuros inéditos.

Coordenadora: Lúcia Helena de Oliveira Cunha: Universidade Federal do Paraná (UFPR – BRASIL)

Carlos Galano: Universidad Nacional de Rosario - (UNR- ARGENTINA)

Carlos Walter Porto Gonçalves: Universidade Estadual do Rio de Janeiro - (UERJ- BRASIL)

Liliana Porto: Universidade Federal do Paraná - (UFPR-BRASIL)

Arturo Argueta: Universidad Nacional Autónoma de México - (UNAM-MÉXICO)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil

RESUMOS APROVADOS

MULTICULTURALISMO, TURISMO E COMUNIDADES TRADICIONAIS: CAMPOS DE COEXISTÊNCIA E VIVENCIALIDADE? (autor(es/as): **Isabel Jurema Grimm**)

Seringueiros do Acre - Imaginário e Paisagem Cultural (autor(es/as): Janaína Mourão Freire).

AS PAISAGENS CULTURAIS DO/NO ESPAÇO FESTIVO DA COMUNIDADE ENGENHO II EM CAVALCANTE – GOIÁS: UM OLHAR À LUZ DA GEOGRAFIA CULTURAL (autor(es/as): **JORGEANNY DE FATIMA RODRIGUES MOREIRA**)
RECONHECIMENTO DAS ICCAS (ÁREAS CONSERVADAS POR COMUNIDADES INDÍGENAS E LOCAIS) NAS POLÍTICAS DE CONSERVAÇÃO AMBIENTAL: DISCUSSÕES ATUAIS. (autor(es/as): **Luciene Cristina Risso**)

MR4.6. História e Literatura na América Latina

EMENTA

Na produção historiográfica recente, a literatura vem surgindo como uma fonte que oferece importantes recursos de análise da sociedade. Incorporada solidamente no conjunto de inovações de fontes, métodos e problemáticas que há algumas décadas transformaram a experiência da pesquisa histórica, a literatura está presente hoje numa pluralidade de estudos que pretendem compreender o intrincado universo das experiências mais subjetivas de homens e mulheres. Na América Latina a literatura tem ocupado importante papel no movimento da sociedade. Seja ela abordada desde o ponto de vista da materialidade do livro, da localização social do escritor, de suas “redes de interlocução”, bem como numa análise dos significados do texto, das representações da realidade que ele traz. Pensar a América Latina desde o ponto de vista dessa relação é a reflexão central que norteia o debate aqui proposto

Coordenadora: Ana Amélia de Moura C. de Melo: Universidade Federal do Ceará (UFC - BRASIL)

Tracy Devine Guzman: Duke University of Miami – (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA)

Soledad Falabella Luco: Universidad Diego Portales – (UDP - CHILE)

Adelaide Maria Gonçalves Pereira: Universidade Federal do Ceará – (UFC - BRASIL)

Ivone Cordeiro Barbosa: Universidade Federal do Ceará – (UFC - BRASIL)

RESUMOS APROVADOS

Cartas de Nova York - José Martí Correspondente (autor(es/as): **Amanda Leite de Sampaio**)

O TURISTA APRENDIZ, DE MÁRIO DE ANDRADE VERSUS EL ZORRO DE ARRIBA Y EL ZORRO DE ABAJO, DE JOSÉ MARIA ARGUEDAS – UMA APROXIMAÇÃO LITERÁRIA E SOCIOLÓGICA NO PANORAMA LATINO AMERICANO (autor(es/as): **CRISTIANO MELLO DE OLIVEIRA**)

O espaço da ficção na identidade em invenção e memória, de Lygia Fagundes Telles (autor(es/as): **Fernando de Moraes Gebra**)

Jorge Luis Borges e o Populismo Argentino (1946-1955) (autor(es/as): **Fernando de Moraes Gebra**)

Bahia 1860: o Brasil de Maximiliano (autor(es/as): **Flávia Silvestre Oliveira**)

OS INTELLECTUAIS E A NOVA ATENAS: Um estudo das representações nas obras dos literatos maranhenses no início da Primeira República (autor(es/as): **PATRICIA RAQUEL LOBATO DURANS**)

MR4.7. - Interculturalidade, Identidades e Arte Latinoamericana.

EMENTA

A mesa propõe-se a discutir as questões anunciadas, do ponto de vista da crítica de arte e dos artistas, aqui representados por Hector Guido (teatro) e Pavel Egúez (artes plásticas). A partir do enfoque das políticas de subjetivação e suas interfaces (Suely Rolnik) e da interculturalidade que se acentua na resistência da arte em tempos globais, observada, sobretudo, nas zonas transitórias (Ticio Escobar), quer desencadear o debate sobre os recursos críticos e expressivos que se manifestam na arte atual da nossa América, frente ao “esteticismo brando” regido pelos mercados globais, que desvia o capital simbólico e gera territórios homogeneizados

Coordenadora: Mariza Bertoli – Universidade de São Paulo – (USP – BRASIL)

Maria José Justino: Escola de Música e Belas Artes do Paraná - (EMBAP-PR - BRASIL)

Ticio Escobar: Ministro da Cultura do Paraguai - (PARAGUAY)

Hector Guido: Diretor de Cultura de Montevideú - (URUGUAI)

Gustavo Pavel Egúez: Artista Plástico - (EQUADOR)

RESUMOS APROVADOS

Entre balas e belas - Comunicação e Moda nas favelas cariocas (autor(es/as): **Alexandra Santo Anastacio**)

PAISAGENS CULTURAIS E FRONTEIRAS (autor(es/as): **Beatriz Helena Furlanetto**)

INDÍGENAS: ENTRE REPRESENTAÇÕES E DISCURSOS (autor(es/as): **Eder Augusto Gurski**)

DE LA CULTURA ORAL A LA DIGITAL: SABERES, MEMORIAS Y NARRATIVAS EN LA TRANSCULTURA. PERSPECTIVAS DESDE LA UNIVERSIDAD INDÍGENA DE VENEZUELA (autor(es/as): **Fabiana Anciutti Orreda**)

O ATOR E O GRUPO: DISCURSOS SOBRE O TEATRO FEITO NA UNIVERSIDADE (autor(es/as): **JEAN CARLOS GONÇALVES**)

FESTAS POPULARES E SUAS REPRESENTAÇÕES IMAGÉTICAS: LUGAR DE PROMOÇÃO DO PERTENCIMENTO E VALORIZAÇÃO DAS CULTURAS SUBALTERNAS. (autor(es/as): **Katia Maria Roberto de Oliveira Kodama**)

ASPECTOS DA ECONOMIA CRIATIVA NO MERCOSUL A Indústria Fonográfica como fator de aproximação entre Brasil e Argentina (2003 – 2011) (autor(es/as): **marcello de souza Freitas**)

SUSTENTABILIDADE CULTURAL: MANUTENÇÃO, CONSERVAÇÃO E DIFUSÃO DE PEQUENOS ACERVOS - RELATO DE EXPERIÊNCIA

(autor(es/as): **Rafael Schultz Myczkowski**)

FALA JUVENTUDE! UM ESTUDO SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE JUVENTUDE, CULTURA E LAZER (autor(es/as): Sandra Rangel de Souza)

O Autorretrato Ampliado (autor(es/as): **Terezinha Pacheco dos Santos Lima**)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil



A MARCHA MUNDIAL DAS MULHERES E A CULTURA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS CONTEMPORÂNEOS*

Alexandra Pingret¹

RESUMO: Esse texto tem como tema a cultura construída pela Marcha Mundial das Mulheres, que, através de sua composição visual e de suas ações está inserida numa tradição cultural dos movimentos sociais. A Marcha é um movimento social contemporâneo, fluído e heterogêneo, com uma ampla plataforma política, que busca legitimidade em meio aos demais movimentos: entidades sindicais e partidárias, movimentos rurais e urbanos, associações e Organizações Não-Governamentais (ONGs). Dessa maneira a MMM interage dinamicamente com os movimentos que a compõe. Buscou-se nesse texto apresentar a MMM no contexto dos movimentos sociais contemporâneos e refletir sobre a sua composição visual, que foi veiculada nos meios de comunicação do próprio movimento e na imprensa comercial o jornal *Folha de São Paulo*.

Palavras-Chaves: Marcha Mundial das Mulheres; cultura; movimento social contemporâneo

Este texto tem como objetivo realizar algumas reflexões sobre a cultura construída nos movimentos sociais contemporâneos, o destaque foi dado à Marcha Mundial das Mulheres – MMM. Para isso partimos de alguns aspectos do contexto sociopolítico atual, bem como das novas características dos movimentos sociais nesse início do século XXI.

Essas reflexões foram pautadas por leituras dos seguintes autores e suas respectivas obras: Alberto Melucci: *A invenção do presente*, de 2001; Eder Sader: *Quando novos personagens entraram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo (1970-1980)*, de 1988; Ilse Scherer-Warren: *Redes de Movimentos sociais*, de 1993, *Das mobilizações às redes de movimentos sociais*, de 2006 e *Redes de movimentos sociais na América Latina - caminhos para uma política emancipatória?* de 2008; Maria das Graças Gohn: *Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*, de 2002, *Movimentos Sociais no início do século XXI: antigos e novos*

¹ Mestre pelo PPG - História Social – UEL - alexandrapingret@ig.com.br

* Este texto é uma adaptação do Segundo Capítulo da dissertação de mestrado “A Marcha Mundial das Mulheres no contexto dos movimentos sociais e sua construção visual (Brasil, 2000-2010)”, sob a orientação da professora Dra. Isabel Aparecida Bilhão e defendida em 26/03/2012, no PPG em História Social da Universidade Estadual de Londrina.



atores sociais, de 2003, *Novas teorias dos Movimentos Sociais*, de 2008 e *Movimentos Sociais e redes de mobilizações civis no Brasil Contemporâneo*, de 2010.

A MMM é um movimento social contemporâneo, fluido e heterogêneo, que dialoga com os demais movimentos sociais, bem como com vários outros segmentos da sociedade, se desenvolve no formato de rede e busca legitimidade em meio aos demais movimentos: entidades sindicais e partidárias, movimentos rurais e urbanos, associações e Organizações Não-Governamentais (ONGs). A Marcha interage dinamicamente com os segmentos que a compõe, se propondo a apresentar à sociedade as diversas interlocuções presente nos movimentos, principalmente os de mulheres.

A composição das lideranças da MMM baseia-se na organização do Secretariado Internacional, que é itinerante e, desde 2006, está sediado no Brasil, onde a SOF (Sempreviva Organização Feminista), uma ONG de abrangência nacional, com sede em São Paulo, é sua referência. Também está organizada nos Comitês Nacionais e Estaduais, no Brasil está presente em 17 estados – Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Amazonas, Piauí, Pernambuco, Bahia, Mato Grosso do Sul, Maranhão, Minas Gerais, Alagoas, Amapá, Ceará, Distrito Federal e Pará.

Uma manifestação pública feminista ocorrida em Québec, Canadá, em 1999, que teve como lema “pão e rosas”, aderindo à luta de resistência contra a pobreza e a violência, inspirou a formação da MMM; sendo em Quebec o palco dos três primeiros Encontros Internacionais da Marcha, e podemos encontrar no Canadá o maior número de grupos/instituições participantes: seiscentos e cinqüenta e quatro. No Brasil, encontra-se sua segunda maior organização quantitativa, com trezentos e quatro instituições. Em 2011, foi realizado o 8ª encontro internacional, em Quezon City, nas Filipinas. E para 2013, está prevista a realização do 9º encontro, no Brasil, quando ocorrerá a transferência do secretariado internacional para outro país, encerrando-se, dessa forma, um ciclo de cinco anos: 2006-2011, para o secretariado internacional da MMM, no Brasil.

Entre as principais estratégias da MMM estão aquelas que buscam provocar grande visibilidade, pois, de acordo com o formato em rede dos movimentos sociais contemporâneos, os encontros presenciais podem ser mais circunstanciais e espaçados, no caso da Marcha esses encontros ocorrem a cada cinco anos (2000, 2005 e 2010) e são marchas de grandes proporções, em locais públicos. Ilse Scherer-Werren se refere a esse tipo de manifestação como:



[...] fruto da articulação de atores dos movimentos sociais localizados, das ONGs, dos fóruns e redes de redes, mas buscam transcendê-los por meio de grandes manifestações na praça pública, incluindo a participação de simpatizantes, com a finalidade de produzir visibilidade através da mídia e efeitos simbólicos para os próprios manifestantes (no sentido político-pedagógico) e para a sociedade em geral, como uma forma de pressão política [...] no espaço público contemporâneo. (SCHERER-WARREN, 2006, p. 112)

Nessas marchas são levados os artefatos que aqui denominamos de composição visual, produzidas previamente (por artistas e por mulheres do próprio movimento). Como por exemplo: faixas, painéis, estandartes (geralmente bordados, representando mulheres de diversas etnias, juntamente com uma palavra que compõe seus princípios: liberdade, justiça, paz, solidariedade,...), a “colcha de retalhos da solidariedade global”, que foi montada com retalhos bordados ou pintados, produzidos pelas mulheres dos países onde existem movimentos ligados à MMM, e a “Carta das Mulheres para a humanidade”, que foi ampliada para fazer parte da marcha, enriquecendo ainda mais essa composição visual.

Todo esse material foi fotografado e divulgado tanto nos materiais internos do movimento como nos diversos veículos da mídia comercial. Por isso, optamos por analisar o que foi divulgado na mídia impressa, sobre as três edições da MMM. Essas informações subsidiarão a análise de como essas edições da Marcha foram percebidas e divulgadas por esse setor. Para isso, escolhemos o jornal *Folha de S. Paulo*, de São Paulo. Consultamos o seu acervo, disponível pela internet. A consulta realizada, para essa análise, deu-se nas edições dos meses de março, dos anos 2000 e 2005, por serem as datas da primeira e da segunda edição da MMM. Conhecer parte do que foi e do que não foi divulgado na mídia sobre as três edições da MMM, contribuiu para que possamos entender percepções diferentes, porém não neutras, sobre o mesmo evento.

A produção cultural dentro dos movimentos sociais possui uma historicidade, dentre os autores que fazem menção, por exemplo, à Revolução Francesa, interessa-nos as considerações de Peter Burke, que escreve sobre as várias tentativas de traduzir:

em linguagem visual os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade. Liberdade, por exemplo, era simbolizada pelo boné vermelho [...] associado na época clássica com a libertação dos escravos. A Igualdade era mostrada em gravuras revolucionárias como uma mulher segurando duas balanças, como a imagem tradicional da justiça, porém sem a venda. (BURKE, 2004, p. 76)

No mesmo sentido, Burke (2004) aponta os murais de Diego Rivera e de outros artistas seus contemporâneos, encomendados pelo governo mexicano pós-revolucionário,



a partir da década de 1920. Para Burke, esses murais foram considerados por esses artistas como “uma arte educativa, de luta’, uma arte para o povo que traz mensagens tais como a dignidade dos índios, os males do capitalismo e a importância do trabalho” (BURKE, 2004, p.81)

No Brasil, existe uma produção acadêmica considerável sobre a produção cultural dos movimentos sociais no período da ditadura cívico-militar, Marcelo Ridenti, quando se refere a esse período, escreve:

[...] rebeldia contra a ordem e revolução social por uma nova ordem mantinham diálogo tenso e criativo, interpenetrando-se em diferentes medidas na prática dos movimentos sociais, expressas também em manifestações artísticas. (RIDENTI, 2007, p.135)

Mesmo havendo experiências distintas entre os movimentos, em períodos e lugares diferentes, com finalidades e processos que são particulares, aos seus meios de atuação, considera-se, segundo André Luiz Mesquita, que, esse tipo de produção cultural “privilegia situações artísticas que se encontram, se alinham e se fundem temporariamente em lutas sociais e nas fissuras da vida cotidiana” (MESQUITA, 2008, p. 48), propondo à História uma abordagem que desestrutura as noções de progresso linear e a autoria individual. Também concordamos com Maria Eliza L. Borges, pois a produção cultural dos movimentos pode ser considerada:

enquanto intervenção social e mobilização político-pedagógica, o conhecimento histórico [torna-se] uma operação teórico-metodológica que visa compreender e interpretar os sentidos que os atores sociais atribuem a seus atos materiais e simbólicos. (BORGES, 2005, p. 81)

Nessa perspectiva, estudamos a expansão MMM, no contexto contemporâneo, elencando alguns aspectos conjunturais, como: a massificação das tecnologias na primeira década do século XXI, as primeiras edições do Fórum Social Mundial - FSM, em 2001, 2002 e 2003 e a rearticulação de lutas e movimentos sociais que se observa na América Latina. Na seqüência, propomos, no limite das nossas possibilidades, um breve estudo sobre esse contexto sociopolítico atual e as novas formas e características dos movimentos sociais nesse período.

Assim, valorizando as mudanças no contexto da sociedade contemporânea, podemos considerar alguns aspectos como o desenvolvimento e aperfeiçoamento de sistemas complexos de informação, estimulados pelo desenvolvimento das tecnologias. Setores da sociedade civil começam a despertar para a necessidade de organizações ao



redor da temática meios de comunicação. Conforme Maria da Glória Gohn: a internet tem sido

o grande meio/veículo articulador de ações coletivas e movimentos sociais, ela possibilitou a criação de redes virtuais que viabilizam conexões de grupos que nunca se encontraram fisicamente de fato. A internet e outros meios das novas tecnologias informacionais possibilitam, não apenas a conexão e estruturação das ações, mas eles têm sido os grandes agentes divulgadores das informações, alimentadores das ações e reações em cadeia, em tempos recordes. (GOHN, 2010, p. 150)

A ampliação das tecnologias contribuiu para o desenvolvimento de novas tendências nos movimentos sociais, que, segundo Ilse Scherer-Werren “começaram a se organizar e negociar ações políticas, cada vez mais sob a forma de rede, que ora se contraía em suas especificidades, ora se ampliava na busca de poder político” (SCHERER-WERREN, 2008, p. 508). A MMM, enquanto movimento social contemporâneo, em forma de rede, se desenvolveu rapidamente, segundo Nadia De Mond:

[...] em dois anos aquilo que era uma idéia se transformou em realidade. A partir dos contatos, (...) com a ajuda da Internet e com o apoio organizativo decisivo da FFQ [Federação das Mulheres de Québec], criou-se uma rede diversificada de mais de seis mil coletivos de mulheres de 161 países reunidas em torno de uma plataforma mundial. (DE MOND, 2003, p. 637-638)

Essas redes de movimentos sociais são constituídas, a partir de amplas demandas e instituições, e, por seu intermédio, a comunicação cotidiana é aparentemente garantida, através dos meios virtuais, para um público muito diversificado. Sobre os meios virtuais Jorge Alberto S. Machado escreve:

A possibilidade de comunicação rápida, barata e de grande alcance faz atualmente da Internet o principal instrumento de articulação e comunicação das organizações da sociedade civil, movimentos sociais e grupos de cidadãos. A rede se converteu em um espaço público fundamental para o fortalecimento das demandas dos atores sociais para ampliar o alcance de suas ações e desenvolver estratégias de luta mais eficazes. (MACHADO, 2007, p. 265)

Esse aspecto da sociedade contemporânea é um dos desafios que os movimentos sociais encontram, mas que também está contribuindo para o desenvolvimento de suas novas tendências, que, segundo Scherer-Warren “começaram a se organizar e negociar ações políticas, cada vez mais sob a forma de rede, que ora se contraía em suas especificidades, ora se ampliava na busca de poder político.” (SCHERER-WARREN,



2008, p. 508) Sem deixar de lado, obviamente, os encontros presenciais. Conforme a mesma autora

[as] reuniões, seminários, assembléias, etc.) continuam sendo muito valorizados, pois neles é onde ocorre o debate mais profundo, a experiência da prática na política, os vínculos mais duradouros no interior da rede. A forma virtual e a presencial de comunicação se complementam, na medida em que a primeira é mais ágil, mais ampla e, às vezes, com menos custos individuais; a segunda é mais intensa, ainda que de mais difícil realização. (SCHERER-WARREN 2008, p. 514)

A MMM possui um site, no qual estão contidas as mais diversas informações institucionais, como quem somos, organização, campos de ação, memória, fotos, notícias, entre outras. Pela dimensão e construção desse site pode-se imaginar que ela tenha a sua disposição uma grande estrutura. Mas, na realidade, a MMM utiliza a ONG - SOF (Sempreviva Organização Feminista) como sede, a qual tem uma estrutura enxuta de funcionamento. Também produz um boletim eletrônico, sem periodicidade estabelecida, que é transmitido via internet e poucos exemplares impressos são mandados para as entidades que pertencem à Marcha. Também há uma socialização, via internet, das sínteses das reuniões e encontros presenciais, esporádicos, tanto nos níveis nacionais como estaduais. Nesse sentido, a MMM utiliza as tecnologias a seu favor, assim como ocorre com outros movimentos.

Outro aspecto determinante para o crescimento da MMM foi o Fórum Social Mundial, que possui uma carta de Princípios, na qual, define-se como: um espaço internacional para a reflexão e organização de todos os que se contrapõem à globalização neoliberal e estão construindo alternativas para favorecer o desenvolvimento humano e buscar a superação da dominação dos mercados em cada país e nas relações internacionais. Em histórico encontrado no site do FSM, lemos:

O Comitê Organizador do FSM 2001 foi formado por oito entidades brasileiras: Abong, Attac, CBJP, Cives, CUT, Ibase, MST e Rede Social de Justiça e Direitos Humanos. Foi criado também um escritório, em São Paulo (Brasil), que, desde 2000 até os dias de hoje, apóia e dá suporte ao processo FSM, ao Conselho Internacional (CI) do FSM e suas comissões e aos comitês organizadores dos eventos anuais do FSM. Além de integrarem o CI e suas comissões, as oito entidades conformam atualmente o chamado Coletivo Responsável pelo Escritório do FSM no Brasil. (<http://www.forumsocialmundial.org.br/>)



O FSM iniciou suas atividades juntamente com o milênio, em 2001, na cidade de Porto Alegre, Estado do Rio Grande do Sul, durante a gestão do governador Olívio Dutra, do Partido dos Trabalhadores (PT). O Fórum continuou a ocorrer nessa cidade até a terceira edição, em 2003. Em 2004 foi realizado em Mumbai, na Índia, e no ano de 2005 foi novamente realizado em Porto Alegre, quando foi constituído um comitê Organizador Brasileiro formado por 23 organizações, subdivididas em oito Grupos de Trabalho (GTs) abertos: Espaços, Economia Popular Solidária, Meio Ambiente e Sustentabilidade, Cultura, Tradução, Comunicação, Mobilização e Software Livre (articulado com o GT de Comunicação). Mais tarde, um nono GT, intitulado Programa, foi criado..

Em 2006 a edição do FSM foi “policêntrica”, realizada em três cidades: Bamako (Mali - África), entre 19 e 23 de janeiro de 2006, Caracas (Venezuela – América do Sul) e Karachi (Paquistão – Ásia). Em 2007 foi realizado no continente Africano, em Nairóbi, Quênia. No ano de 2008 modificou-se o formato, realizando-se uma semana de mobilização e ação global, com diversos atos parciais em diversos países. E, em 2009, ocorreu em Bélem, no Pará. A partir de 2010 o FSM iniciou uma lista de atividades, em várias regiões do Brasil e do Mundo, como, por exemplo: Fórum Social Temático da Bahia em Salvador. Em 2011, o FSM foi realizado em Dakar, Senegal. E, em 2012 voltará a ocorrer em Porto Alegre.

A prática dos Fóruns Sociais Mundiais criou redes de redes e estimulou o desenvolvimento de inúmeros encontros e eixos temáticos, como por exemplo: Fórum Social das Américas (FSA), o Fórum Mundial da Educação (FME), Fórum Lixo e Cidadania, Fórum Municipal de Saúde, entre vários outros. Assim

os fóruns têm criado redes que ultrapassam as fronteiras nacionais e tem alterado a linguagem e a cultura do mundo associativo. De certa forma, tem pautado as ações das redes de movimentos e ONGS. Todos juntos são os novos agentes estruturantes das redes movimentistas e mobilizatórias, construindo e definindo os espaços e os vínculos de sociabilidade e cultura política do país (GOHN, 2010, p. 172-173).

A MMM, que se conceitua como um movimento anti-globalização, está inserida nessa dinâmica dos movimentos sociais contemporâneos, em vários aspectos, começando pela pauta de reivindicações por liberdade reprodutiva, pelo direito à contracepção e ao aborto e contra o assédio sexual e a violência. Segundo Ilse Scherer-Warren: “a MMM, como muitos movimentos sociais que se constituíram a luz dos movimentos alterglobalização, é uma rede interorganizacional” (2006, p.116). E, segundo Mirian Nobre e Nalu Faria, coordenadoras da MMM:



Nós da Marcha mundial das Mulheres desde o início nos constituímos como parte do movimento antiglobalização e nos colocávamos o desafio de como fortalecer a presença e a agenda feminista neste movimento de movimentos. O Fórum Social Mundial e a Rede dos Movimentos Sociais que nele se criou têm sido nosso terreno privilegiado para construir análises e agendas e para exercitar novas abordagens e formas de organização (NOBRE e FARIA, 2003, p. 625).

Diante da ampla diversidade de movimentos que compuseram o FSM, a música, através da batucada ou “Fuzarca feminista”, como é chamada, também contribuiu para apresentar aos participantes e à sociedade em geral os princípios e ideário da MMM. Para isso foram contratados profissionais (percussionistas e artista plástica) para ensinar, produzir e organizar a visualidade e a música. Conforme Nobre e Farias:

Na passeata de abertura do FSM em 2003 nós da Marcha conseguimos expressar o processo de preparação que desencadeamos. Os estandartes de abertura foram concebidos e costurados em oficinas onde refletimos sobre nossas vidas, nossas visões para o futuro e o significado do Fórum para isso. A batucada trazia um longo trabalho de reutilização de latas e mulheres aprendendo a dar o ritmo e o tom. A composição da ala era uma aliança construída com a juventude presente no Acampamento e com o movimento de lésbicas, gays e travestis. (NOBRE E FARIA, 2003, p. 628)

Um terceiro fator explicativo desse fenômeno pode ser a rearticulação de lutas e movimentos sociais que se observa na América Latina, que se opõe ao modelo econômico vigente e à situação de desemprego e miséria que as políticas de globalização têm gerado nas últimas décadas. A categoria de atores sociais é utilizada por Gohn, tendo em vista que eles muitas vezes se envolvem em frentes de luta que não dizem respeito, prioritariamente, a problemáticas da classe social, como, por exemplo, as questões de gênero, étnicas e ecológicas.

Em um período turbulento e caótico, a possibilidade da construção de sujeitos e da transformação desses sujeitos em atores politicamente ativos passa, pela transformação “das carências em demandas, destas demandas em pautas políticas e das pautas políticas em ações de protestos” (SCHERER-WARREN, 2008, p. 508).

Atualmente, os movimentos precisam ter a capacidade de provocar a identificação coletiva em torno do conflito, de adversários principais a serem enfrentados e da construção de projetos e utopias de mudanças. Isso acontece num contínuo processo em



construção e resulta das múltiplas articulações, internas e externas dos movimentos sociais. Assim, conforme Scherer-Warren:

É a partir de uma nova lógica associativa que a diversidade dos movimentos sociais latino-americanos vem se articulando em redes políticas. [...] Se, por um lado, esse encontro da diversidade dos movimentos representa também a possibilidade de fragilidade das lutas, devido à sua fragmentação e efemeridade, por outro lado, representa um avanço no plano do reconhecimento intersujeitos e inter organizacional, criando um potencial de democratização no âmbito das relações sociais e políticas. (SCHERER-WARREN, 2008, p. 509)

As redes de movimentos sociais encontram-se abertas para o diálogo intercultural e as possibilidades de superação dos conflitos, tanto interna como externamente se ampliam. Dessa maneira, buscam enfrentar as formas híbridas de desigualdade e exclusão, assim, nas palavras de Scherer-Warren, as redes de movimentos sociais, na atualidade:

caracterizam-se por articular a heterogeneidade de múltiplos atores coletivos em torno de unidades de referências normativas, relativamente abertas e plurais. Compreendem vários níveis organizacionais – dos agrupamentos de base às organizações de mediação, aos fóruns e redes políticas de articulação (SCHERER-WARREN, 2008, p. 515).

A MMM está inserida nesse contexto, no qual os aspectos sociais e o desenvolvimento das ações coletivas estão em constantes transformações nesse início de século, o que possibilita a emergência cada vez mais de movimentos que lutam por causas e demandas diversas. Contudo, segundo Scherer-Warren o encontro em torno de demandas materiais mais específicas contribui:

para a construção de identidades coletivas mais restritas, frequentemente na luta por direitos humanos setorizados. Já o encontro em torno das plataformas mais gerais contribui para a emergência de movimentos de resistência antissistêmica na América Latina. No último caso, trata-se de redes de redes de movimentos sociais, multi-identitárias e multissetoriais, translocais e transnacionais. (SCHERER-WARREN, 2008, p. 515)

A construção cultural da Marcha Mundial das Mulheres se relaciona com os inúmeros movimentos contemporâneos, cada qual com suas particularidades, no que se refere à visualidade. Por isso, pretendemos, nessa parte do texto, ressaltar a importância atribuída à cultura e aos elementos materiais e simbólicos dos movimentos, enquanto critérios, para que sejam “construídos os nexos politicamente significativos e emancipatórios.” (SCHERER-WARREN, 2006, p. 113).



Nessa mesma intenção, Gohn (2010) ressalta o desenvolvimento de culturas próprias dos movimentos na forma de encaminhar suas reivindicações. Sader (2001) também menciona esses elementos que constituem as diferentes formas de elaborarem as ações dos movimentos, atribuindo importância aos diferentes bens e materiais simbólicos e Melucci (2001) se refere à elevada identificação dos sujeitos coletivos com os recursos motivacionais e simbólicos.

Nessa perspectiva, a MMM desenvolveu uma composição visual a partir de vários artefatos e materiais que fazem parte das manifestações de grande porte, que realiza a cada cinco anos, e também os utiliza quando participa das manifestações de outros movimentos e eventos. Para exemplificar a importância desses materiais simbólicos observaremos a seguir algumas imagens dessas manifestações – de 2000 e 2005 - que foi divulgado na mídia comercial e da própria Marcha. Poderemos assim perceber como a Marcha foi apresentada ao público por esses diferentes setores. Para isso, escolhemos o jornal *Folha de S. Paulo* (SP) e o Jornal da Marcha Mundial das Mulheres, nos quais consultamos os acervos disponíveis pela internet.

A utilização da imprensa como fonte, pode permitir um melhor dimensionamento da abrangência social do fato ocorrido, pois, segundo Maria Helena Capelato, ela é um

manancial dos mais férteis para o conhecimento do passado, a imprensa possibilita ao historiador acompanhar o percurso dos homens através dos tempos. O periódico, antes considerado fonte suspeita e de pouca importância, já é reconhecido como material de pesquisa valioso para o estudo de uma época. (CAPELATO, 1988, p. 13)

Entretanto, ao tomar o jornal como uma fonte de pesquisa histórica, deve-se ter o cuidado ao analisá-lo, pois este, apesar de ocupar uma função de transmissor de informação e de utilidade pública, pertence a setores privados e, portanto, expressa a opinião e o interesse de seus proprietários, pois “a imprensa constitui um instrumento de manipulação de interesses e intervenção na vida social”. (CAPELATO, 1988, p. 21)

Antes de adentrarmos no tema propriamente dito cabe a realização de uma breve contextualização da *Folha de S. Paulo* é um jornal diário, editado na cidade de São Paulo, desde 19 de fevereiro de 1921, com o nome original de *Folha da Noite*. Em 1930, apoiou a eleição de Júlio Prestes, a presidência da República, sendo por isto deprecado e fechado em 24 de outubro de 1930, quando o movimento conhecido como Revolução de 1930 saiu vitorioso. A *Folha* voltou a funcionar em 1931 com novos donos e nova linha editorial, com o nome de *Folha da Manhã*. Atualmente a *Folha* é considerada um dos maiores jornais de circulação nacional, segundo o Instituto Verificador de Circulação

(IVC). Sendo pioneira, no Brasil, na instalação de computadores e informatização da redação. Em 2009 começou a publicar na internet o jornal digital.

Na primeira consulta ao acervo online do jornal *Folha de S. Paulo*, utilizamos a palavra Marcha Mundial das Mulheres, e a encontramos na edição de 09 de março de 2000, na Folha Vale, página três. Esta imagem que apresentamos em seguida nos remete à Imagem I, do Primeiro Capítulo, na qual pudemos observar que a preocupação das lideranças da Marcha em provocar efeitos visuais foi menor, porém, na imagem a seguir, constata-se que houve pelo menos uma preocupação, observável na utilização de bexigas (balões) na cor roxa:



Imagem I

Fonte: Banco de imagens – Folha imagem / Folhapress– fotografia: Claudio Capricho, 09/03/2000

Nessa imagem, observamos várias pessoas em um espaço público, na parte superior da fotografia vemos algumas bexigas na cor roxa, que é a cor escolhida para simbolizar esse movimento e para vários outros movimentos de mulheres.

Duas mulheres estão sentadas recolhendo as assinaturas das pessoas que estão em volta da mesa, dentre as pessoas que foram enquadradas na foto observamos adultos, jovens e crianças, mulheres e homens de diferentes etnias. O que pode apontar para a grande diversidade do público pertencente, apoiador ou simpatizante do movimento.

Essa imagem é secundada por um pequeno texto, no qual se lê:



MULHER – A campanha Marcha Mundial das Mulheres foi lançada ontem em São José dos Campos em Homenagem ao Dia Internacional da Mulher e contra a pobreza e violência. Cerca de 830 assinaturas foram recolhidas. O abaixo-assinado prossegue até outubro e será entregue à ONU (*Folha de S. Paulo*, 9/3/2000, p.3)

Em relação ao baixo-assinado entregue à Organização das Nações Unidas, a coordenação da Marcha realizou plenárias de debates para elencar as principais reivindicações das mulheres à ONU, por fim foram priorizadas dezessete reivindicações, dentre as quais citamos algumas, seguindo a ordem numérica:

- 1- Que todos os países adotem leis e estratégias direcionadas para a eliminação da pobreza. 2- Os países devem ratificar e obedecer aos padrões da Organização Internacional do Trabalho (OIT). Devem impor o respeito às normas nacionais de trabalho nas áreas de livre comércio (zonas francas). [...] 7- Que os governos que se considerem defensores dos direitos humanos condenem todo poder político, religioso, econômico e cultural que exerça um controle sobre a vida das mulheres e das meninas e denunciem qualquer regime que viole os seus direitos fundamentais. [...] Que os países implementem políticas, planos de ação, programas e projetos eficientes, com recursos financeiros e medidas adequadas, para combater a violência contra as mulheres. [...] 16- Que a ONU e os países da comunidade internacional, com base na igualdade entre as pessoas, reconheçam formalmente que a orientação sexual de uma pessoa não deverá impedi-la do pleno exercício dos direitos. (www.marchamundialdasmulheres.org)

Dentre essas reivindicações observamos a ampla plataforma política da MMM, que buscou contemplar, naquele momento, os aspectos econômicos, sociais, culturais, daquele contexto, enfatizando o reconhecimento e garantia dos direitos humanos para mulheres, crianças e homossexuais. A reivindicação dirigia-se aos governos dos vários países e à ONU.

Os outros textos que aparecem na mesma página do jornal não têm relação com essa imagem, o que gerou algumas questões: faltava-lhes conteúdo para preencher essa parte do jornal? Ou, a imagem, publicada em tamanho grande, foi considerada suficiente, com um texto pequeno para ilustrá-la? O impacto estilístico, de apresentação do veículo, foi considerado mais importante do que o conteúdo/informação sobre o movimento?

Todavia, não pretendemos aqui aprofundar ou responder tais especulações, o que nos interessa é que já existe um registro nesse jornal, da primeira ação da MMM, em 2000, o que demonstra, em nosso entender, que a grande imprensa do país não conseguiu ficar alheia a ela desde seu surgimento.



O mesmo caminho percorrido na primeira consulta ocorreu nas outras seguintes, e encontramos no jornal de 9 de março de 2005, no caderno diário cotidiano, uma matéria intitulada *Rosa Choque*, com o sub-título em negrito e em letras em tamanho maior “15 mil mulheres vão às ruas por direitos”, acima desse título uma frase com letras menores, onde lê-se “Marcha teve como uma de suas bandeiras a legalização do aborto e complicou o trânsito na cidade de São Paulo”, analisando os conteúdos presentes no título e nessas duas frases. Pelo título principal percebemos que o motivo de tantas mulheres irem às ruas foi compreendido como uma tentativa de “chocar” a sociedade, e, em seguida, foi enfatizada a questão da legalização do aborto. Entretanto, como já nos referimos, a MMM tem uma pauta de reivindicações ampla, e reduzi-la à legalização do aborto pode significar uma minimização da plataforma política do movimento; ainda associado à frase final ... “e complicou o trânsito da cidade de São Paulo”, ou seja, além do caráter restritivo essa frase também pode conter uma sentença pejorativa em relação ao movimento que “complica” a vida cotidiana da cidade.

A matéria está dividida em três colunas e contém dois textos, com autorias diferentes: o primeiro é de Luciana Coelho, de Nova York, cujo subtítulo é “Especialista vê pouca ação política das brasileiras”, o conteúdo abrange os baixos índices de representatividade política das mulheres brasileiras, nos parlamentos, mas avalia como positiva a participação da sociedade nos processos de mudança, bem como a conquista dos direitos femininos.

O segundo texto é de autoria Afra Balazina, da reportagem local. Ela descreve o percurso da manifestação: “foram do Masp (Museu de Arte de São Paulo, na Paulista, até a praça da República – ocupando duas pistas – e causaram congestionamento em algumas das principais vias da cidade, como a Rebouças, a Consolação e a Paulista.”

Na seqüência, cita uma entrevista feita com Nalu Farias, da SOF, sobre a questão da legalização do aborto e cita ao final do parágrafo: “as outras reivindicações eram aumento do salário mínimo, acesso da mulher à terra e liberdade sexual”, também há menção ao público que participou da manifestação, citando os ônibus que vieram de outros estados, como, por exemplo: Minas Gerais, Pernambuco, Alagoas, Rondônia, Ceará e Paraná. Novamente se refere ao tema polêmico sobre o aborto, esclarecendo que, dentre as marchantes havia quem não concordasse com a reivindicação da legalização do aborto, mas que respeitavam quem apoiava essa reivindicação. Assim, dos seis parágrafos, quatro se referiam à questão da legalização do aborto, que foi mostrada como não consensual entre as participantes.

Por fim há um pequeno texto com o subtítulo “Trânsito”, o qual se referia ao tempo de concentração da manifestação que iniciou às catorze horas e finalizou o trajeto por volta das dezoito horas, o que ocasionou noventa e três quilômetros de congestionamento, sendo que a média era de sessenta e cinco quilômetros, para o mesmo horário.

Entre a primeira e a segunda coluna da matéria, há uma grande imagem, na proporção de duas colunas, apresentada na seqüência:



Imagem II

Banco de imagens – Folha imagem / Folhapress – fotografia: Marlene Bergamo, 09/03/2005

A imagem II apresenta uma fotografia que faz um apanhado geral da manifestação, que, segundo a coordenação da MMM, era composta por aproximadamente 40 mil participantes, mas, segundo a polícia militar, eram aproximadamente 15 mil. Nela aparecem, em primeiro plano, algumas mulheres utilizando pernas-de-pau, com saia, vestido e calças longas, que cobriam as madeiras. Num segundo e terceiro plano aparecem os estandartes e muitas bandeiras e faixas.

Como já nos referimos, as estratégias utilizadas pela marcha são historicamente construídas. Alguns dos exemplos dessa construção são os jornais produzidos pela MMM:

o Jornal da Ação Internacional de 2010, que tem em seu conteúdo: o que é a MMM e suas ações nacionais e internacionais, o chamamento para 2010, a importância do dia 8 de março de 2010 e alguns itens da plataforma de ação. As imagens abaixo apresentam fotografias da primeira e segunda edição da MMM, em 2000 e 2005, respectivamente.



Imagem III

Fonte: fragmento do Jornal da Marcha Mundial das Mulheres – ação 2010, agosto de 2009, 3p.

A imagem III corresponde à terceira página do jornal e tem-se uma dimensão visual do contraste entre a primeira e a segunda marcha, o diferencial foi a composição visual



que as lideranças da MMM, no Brasil, construíram para se destacarem na passeata de abertura do FSM, em 2001, na cidade de Porto Alegre, Rio grande do Sul, que foram utilizadas nessa ação.

Podemos observar que na imagem da primeira edição da marcha, em 2000, cuja fotografia é de Iuri Cotas, a composição visual ainda era mínima, conforme retratada no fragmento do Jornal de chamamento para a Ação Internacional de 2010, publicado em agosto de 2009; no qual podemos observar as cores e a composição visual da segunda edição (2005). Todavia, em ambas existem materiais de apoio: bandeiras e faixas, principalmente, que são utilizados para ampliar a visibilidade e o volume das marchas, bem como identificar os vários movimentos sociais presentes.

Essa edição do jornal foi publicada em agosto/2009 e foi distribuído nos meses de setembro a novembro por todo o país, para as entidades que compõe a MMM e as que pretendiam compor. Podemos observar as duas imagens colocadas juntas, edição 2000 e edição 2005, possivelmente com a pretensão de demonstrar que a MMM em 2000 provocava menos efeitos visuais, por não utilizarem tanto as cores, como na segunda edição, inclusive com muitos homens participando, pois os movimentos sociais mistos do período estavam também buscando visibilidade e aproveitaram a oportunidade.

Já a imagem de 2005, cuja fotógrafa foi Juliana Bruce, demonstra mais visibilidade através dos materiais que destacavam as cores lilás, roxa, laranja, vermelho e verde. A Marcha foi composta pela grande maioria de mulheres juntamente com a faixa frontal que apresentou uma representação de mulheres com as mãos dadas, e, na qual lê-se: 8 de março de 2005, e o chamado da ação “Mulheres em Movimento mudam o mundo”, ao fundo vêem-se muitas bandeiras, estandartes e vários “pirulitos”. Os estandartes ao fundo bordados correspondem culturalmente a uma forma de ação feminina.

Dessa maneira, as imagens desse jornal pretendem construir um imaginário evolutivo do movimento, buscando convocar as mulheres das diversas entidades a participarem da terceira edição, em 2010, convocando-as, no texto ao lado dessas imagens, para participarem de “uma grande ação de denúncia, reivindicação e formação, que pretende dar visibilidade à luta feminista contra o capitalismo e a favor da solidariedade internacional, além de buscar transformações reais para a vida das mulheres brasileiras.”

Ao comparar a imagem II que aparece no *Jornal Folha de São Paulo* com a imagem III que aparece no *jornal da Marcha Mundial das Mulheres* não identificamos quem promove a manifestação e, quem são essas pessoas, que saíram às ruas reivindicando suas demandas, pois quem fotografou ou editou essa imagem, não priorizou



a faixa que é a abertura da manifestação. Somente com o texto abaixo da imagem VI é que entendemos parte da manifestação: “Mulheres percorrem a Rua da Consolação, em comemoração do Dia Internacional das Mulheres”, e somente no início do texto de Afra Balazina é que é feita a referência à MMM: “A Marcha Mundial das Mulheres, que teve como uma das principais bandeiras a legalização do aborto no Brasil, reuniu cerca de 15 mil pessoas [visto que na manifestação podemos observar a presença de alguns homens] ontem à tarde em São Paulo”.

Entretanto na imagem III do *Jornal da Marcha Mundial das Mulheres* vemos a faixa verde, em evidência, na abertura da manifestação. Assim, percebemos a importância que a MMM dá para sua faixa, pois, ela faz parte do patrimônio cultural do movimento, fazendo parte de sua história, por isso é necessário apresentá-la, em evidência, contendo o ano de realização, 2005, e o slogan da edição: “Mulheres em Movimento mudam o mundo”.

Conforme o texto dessa matéria, de autoria Afra Balazina, a visibilidade da mobilização girou em torno da legalização do aborto, invisibilizando as demais reivindicações da MMM. No canto direito inferior da fotografia observamos um cartaz impresso, que reforça um dos conteúdos reivindicatório desse movimento, a legalização do aborto.

Sobre a visibilidade que o Jornal de São Paulo deu à MMM, nesses dois anos estudados (2000 e 2005), optamos por compará-lo à forma como o próprio movimento se divulgou, através do seu periódico, partindo da Imagem Iii, que demonstra a partir do próprio movimento, as fotografias das marchas de 2000 e 2005. Esse jornal da Marcha pretende apresentar uma evolução do movimento, entre os anos de 2000 e 2005, através de duas fotografias que foram publicadas nesse jornal.

A primeira fotografia, da Imagem III mostra, a partir do ângulo frontal, a Marcha, buscando sua amplitude, registrando uma aglomeração de pessoas durante o percurso, do qual participavam homens e mulheres, alguns portando bandeiras diversas. Em contrapartida, a imagem I apresentada no jornal *Folha de S. Paulo* pretende registrar, de maneira focada, a atitude da MMM em promover a coleta de assinaturas do abaixo-assinado que foi mandado para a ONU, visibilizando o ato em si, tanto na imagem como no texto escrito.

A segunda fotografia, da Imagem III, é também apresentada privilegiando o ângulo frontal, e, tanto a fotografia de 2000 como a de 2005 contemplam a faixa que apresenta o movimento durante a marcha, registrando principalmente as datas de ambas. Sobre o ponto de vista em que foi realizada a foto, Burke (2004) escreve que o ponto de vista



influencia a recepção da fotografia, mesmo que não a determine. No caso dessas duas fotografias, da primeira e da segunda edição da MMM, apresentadas na imagem I, o ângulo frontal foi utilizado para demonstrar a dimensão da Marcha, nesses eventos, fazendo-nos pensar sobre a quantidade de pessoas presentes, quando aconteceu, quem promoveu, e dessa forma identifica tanto o movimento, quanto o slogan, contemplam, em síntese as reivindicações da Marcha.

Na fotografia de 2005, observamos no canto direito da fotografia um cartaz-pirulito, no qual lemos: “Aborto público seguro, legal é direito de todas as mulheres”, abaixo vemos a logo da Marcha e, por fim escrito Marcha Mundial das Mulheres. O aborto é um tema polêmico, e tem sido colocado nas pautas dos movimentos de mulheres há décadas, porém suscita muitos debates, principalmente o religioso, e não avança, no sentido de conquistar políticas públicas que se preocupem de fato com essa questão.

A segunda fotografia, da imagem III, publicada no Jornal da Marcha é praticamente a mesma publicada no Jornal de São Paulo, em 2005, o que as diferencia é o zoom, a fotógrafa Juliana Bruce optou por contemplar a faixa de abertura da marcha, o que não fez a fotógrafa Marlene Bergamo, que preferiu fotografar mais de perto o cartaz-pirulito, as mulheres com pernas de pau e o restante dos manifestantes, dentre eles alguns portando materiais como estandartes, bandeiras, e outros. Supomos que, pelo fato da composição visual do movimento estar concentrada no começo da marcha, atraiu ambas fotógrafas.

Conhecer parte do que foi e do que não foi divulgado na mídia sobre as três edições da MMM, contribui para que possamos entender percepções diferentes, porém não neutras, sobre esses eventos. Dessa maneira, observamos que foram apresentados imagens e textos escritos que pretendiam reforçar discussões e questões que atendiam aos interesses de quem os produziu, minimizando ou deixando na invisibilidade aqueles que não eram considerados pertinentes ou vendáveis ao seu público ou à opinião pública em geral.

Os movimentos precisam ter a capacidade de provocar a identificação coletiva em torno do conflito, de adversários principais a serem enfrentados e da construção de projetos e utopias de mudanças. Isso acontece num contínuo processo em construção e resulta das múltiplas articulações, internas e externas dos movimentos sociais, articulações essas que passam pelo universo simbólico.

A cultura construída pela Marcha Mundial das Mulheres está inserida numa tradição cultural dos movimentos sociais. Pretendemos com esse texto, ressaltar a importância atribuída à cultura e aos elementos materiais e simbólicos dos movimentos,



que “através de seus imaginários sociais, uma coletividade de signa a sua identidade; elabora uma certa representação de si [...] exprime e impõe crenças comuns; [delimitando] o seu “território.” (BACZKO, 1985, P. 309).

BIBLIOGRAFIA:

- ALVAREZ, Sonia et al (orgs.) (2000) **Cultura Política nos movimentos sociais latino-americanos: novas leituras**. Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- BACZKO, Bronislaw (1985) **Imaginação Social**. In: *Enciclopédia Einaudi*. V. 5 Anthropos – homem. Lisboa: Imprensa Oficial, Casa da Moeda, p. 296-332.
- BORGES, Maria Eliza Linhares (2005) **História & Fotografia**. 2ed. – Belo horizonte: Autêntica.
- BURKE, Peter (2004) **Testemunha Ocular: História e Imagem**. Bauru, São Paulo: EDUSC.
- CAPELATO, Maria Helena R. (1988) **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP.
- DE MOND, Nadia (2003) **Construindo espaços transnacionais a partir dos feminismos**. Estudos Feministas, Florianópolis, 11(2): 360, julho-dezembro.
- GOHN, Maria da Glória (2002) **Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. 3ª ed. São Paulo: Loyola.
- GOHN, Maria da Glória (org) (2003) **Movimentos Sociais no início do século XXI: antigos e novos atores sociais**. Petrópolis: Editora Vozes.
- GOHN, Maria da Glória (2009) **Novas teorias dos Movimentos Sociais**. 2.ed. São Paulo: Loyola.
- GOHN, Maria da Glória (2008) **Abordagens teóricas no estudo dos movimentos sociais na América Latina**. Caderno CRH, Salvador, v. 21, n. 54, p. 439-455, Set./Dez.
- MACHADO, Jorge Alberto S. (2007) **Ativismo em rede e conexões identitárias: novas perspectivas para os movimentos sociais**. Sociologias, Porto Alegre, ano 9, nº 18, jul./dez., p. 248-285.
- MELUCCI, Alberto (2001) **A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas**. Petrópolis, RJ: Vozes.
- MESQUITA, André Luiz (2008) **Insurgências Poéticas: arte ativista e ação coletiva (1900-2000)**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- NOBRE, Mirian. FÁRIA, Nalu (2003) **Feminismo em movimento: temas e processos organizativos da marcha Mundial das Mulheres no Fórum Social Mundial**. Estudos Feministas, Florianópolis, 11(2): 360, julho-dezembro.
- RIDENTI, Marcelo (2007) **Cultura e política: os anos 1960-1970 e sua herança**. In: FERREIRA, Jorge. DELGADO, Lucília de Almeida Neves. O tempo da ditadura e movimentos sociais em fins do século XX. 2 ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- SADER, Eder (1988) **Quando novos personagens entram em cena**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- SCHERER-WARREN, Ilse (1993) **Redes de Movimentos sociais**. São Paulo, Loyola.
- SCHERER-WERREN, Ilse (2006) **Das mobilizações às redes de movimentos sociais**. Sociedade e Estado, Brasília, v. 21, n.1, p. 109-130, jan./abr.
- SCHERER-WERREN, Ilse (2008) **Redes de movimentos sociais na América Latina-caminhos para uma política emancipatória?** Cadernos CRH, Salvador, v.21, n.54, p.505-517, set/dez.



Sites:

www.marchamundialdasmulheres.org

www.sof.org.br

<http://www.forumsocialmundial.org.br/>

Documentos:

Folha de São Paulo. Ed. 09 mar.2000, vale 3p.

Folha de São Paulo. Ed. 09 mar.2005, C9p.

Jornal da Ação Internacional de 2010. Publicação da Marcha Mundial das Mulheres. Secretaria Executiva - SOF - Sempreviva Organização Feminista. Rua Ministro Costa e Silva, 36 - Pinheiros - São Paulo/SP CEP 05417-080 - Tel.: (55) (11) 3819-3876 - www.sof.org.br. Projeto gráfico e diagramação: Caco Bisol e Márcia Helena Ramos. Tiragem: 30 mil exemplares. Impressão: RWC. São Paulo, agosto de 2009.

Jornal da Ação Internacional da Marcha Mundial das Mulheres – Brasil, n.2.

Publicação da Marcha Mundial das Mulheres. Secretaria Executiva - SOF - Sempreviva Organização Feminista. Rua Ministro Costa e Silva, 36 - Pinheiros - São Paulo/SP CEP 05417-080 - Tel.: (55) (11) 3819-3876 - www.sof.org.br. Projeto gráfico e diagramação: Caco Bisol e Márcia Helena Ramos. São Paulo, março de 2010.